

B"H
PARASHAT SHEMOT

Este estudo é dedicado à elevação da alma de Esther Alpern a"h

Favor não transportar este impresso no Shabat; após o Shabat, estará à sua disposição

INTRODUÇÃO À PARASHÁ

Por que o nosso povo teve de suportar o exílio e a escravidão?

Hashem fez com que os judeus permanecessem no Egito por um longo tempo. Desse modo, cumpriu as palavras ditas a Avraham: "Teus filhos serão estranhos numa terra que não é a deles. Serão convertidos em escravos e ali sofrerão por muitos anos."

Hashem tinha várias razões para manter os judeus no Egito. Longe de pensar que podemos captar os assuntos do Todo Poderoso, (pois "se eu entendesse D'us, eu seria D'us"), podemos, contudo, discernir alguns objetivos que *Hashem* pretendia atingir com este exílio:

A fim de podermos descrever a situação dos judeus no Egito, temos primeiro que investigar a natureza do ambiente no qual estavam imersos.

O Egito, naquela época, era o que comumente se chama de país altamente civilizado. Possuía avançada ciência e artes, e sobressaía-se nas áreas da agricultura e mecânica.

A impressionante e sofisticada fachada de ciências e artes, contudo, servia apenas como disfarce para as verdadeiras características da nação. Nossos Sábios revelam as verdadeiras razões para implementarem todos os campos de conhecimento acima mencionados. Fizeram-no com um único objetivo em mente – descobrir e entregar-se a todas as paixões físicas possíveis. Suas vidas eram caracterizadas por uma desinibida e irrestrita existência brutal. A nação inteira praticava e era perita nos segredos ocultos das magias negras e adivinhações, que nos são proibidos *pela* Torá. Rezavam para animais, acreditando que fossem reencarnações das almas de seus ancestrais. Em resumo, sua civilização era completamente depravada. Por esta razão, nossos Sábios descrevem o Egito como sendo um completo vácuo moral e espiritual.

Devemos ver a família de Yaacov estabelecendo-se no Egito tendo este cenário como pano de fundo.

Antes de Yaacov partir para o Egito, *Hashem* prometeu-lhe: "Minha Presença Divina descerá ao Egito com você."

Estas palavras contêm a garantia de que Ele protegerá a família de Yaacov contra quaisquer efeitos permanentes dos danos espirituais, e impedirá sua assimilação total. Em consequência de Sua promessa, *Hashem* redimiu os judeus antes que estivessem completamente submersos na idolatria egípcia, e perdidos para sempre.

A pureza da vida familiar judaica apesar da imoralidade egípcia

Em contraste com os egípcios, a família de Yaacov caracterizava-se pela nobreza e pureza, traços que herdaram de seus antepassados. Estes não deterioraram no Egito mas, como veremos, desenvolveram-se e progrediram ao seu mais alto potencial sob as mais adversas condições.

Enquanto o nível de moralidade dos egípcios equiparava-se ao de animais como burros e cavalos, um quadro totalmente diferente delineia-se quanto à conduta moral de *Benê Yisrael*: nenhuma moça, mulher casada ou homem profanou-se com os egípcios. Não havia casamentos mistos.

Uma vez que *Benê Yisrael* abstiveram-se de imoralidade no Egito, mereciam ser redimidos.

Como foi possível para cada membro do nosso povo manter seu elevado nível de espiritualidade anterior, face à obscenidade e libertinagem às quais estavam expostos?

Quando nossa matriarca Sara foi raptada pelo Faraó e guardou-se da imoralidade, ela então legou, imbuído em todas as mulheres judias que dela descenderiam, o potencial para opor-se ao *yétser hará* (má inclinação). Similarmente, *Hashem* fez com que Yossef fosse levado à casa de Potifar, a fim de pavimentar o caminho para seus descendentes. Quando Yossef resistiu às poderosas persuasões da esposa de Potifar, não apenas atingiu a vitória na sua batalha pessoal, mas, ao mesmo tempo, equipou todos os homens judeus da posteridade com a firmeza moral para superar as tentações.

A santidade adquirida por nossos Patriarcas tornou-se um traço inato em seus descendentes. Assim, podiam permanecer um povo sagrado também no Egito.

A prática da bondade em condições adversas

Mas os elogios a *Benê Yisrael* foram muito além de não terem sucumbido à atmosfera geral de despudor e obscenidade. Além disso, as mulheres judias realmente arriscaram suas vidas para terem e educarem famílias grandes, desafiando o decreto do Faraó.

Não só isso, os judeus realizaram extraordinários atos de *chessed* (bondade), face às sórdidas condições externas. Nossos Sábios explicam que a tribo de Levi não foi escravizada, e, conseqüentemente, seus membros não eram sustentados pelo governo. *Benê Yisrael* sustentaram essa tribo, separando e consagrando-lhes um décimo de qualquer valor minguado que recebessem.

Este ato de heroísmo e generosidade deixou sua marca em nossos caracteres até hoje. Nenhum povo pode alardear as qualidades de filhos como os nossos, cujos trabalhadores mais pobres separam de boa vontade um décimo, mesmo de ganhos mínimos, a fim de sustentar aqueles que estudam *Torá* e os que necessitam de caridade.

Um aprendizado de como devemos servir constantemente a D'us

Ainda há mais qualidades positivas adquiridas pelo povo judeu em decorrência da servidão: a *Torá* ordena adesão incessante ao serviço do Todo Poderoso. A religião de um judeu não deve restringir-se às horas dedicadas à oração e ao estudo de *Torá*. Em vez disso, *Hashem* quer que estejamos com Ele em pensamentos e ações o tempo todo, servindo-O com todas as fibras de nosso corpo e alma.

Isto parece ser uma exigência sobre-humana. De fato, os judeus a teriam considerado uma exigência impossível, se não tivessem previamente passado pela dura escola do cativo egípcio. Como escravos do Faraó, não tinham horas de trabalho pré-determinadas. Eram compelidos a manter um estado de alerta e obediência constante. Capatazes do Faraó podiam convocar um judeu no meio da noite, e nenhuma desculpa citando fadiga ou exaustão seria aceita. Após um dia de trabalho deitando tijolos, os judeus nem podiam relaxar, pois em seu "tempo livre", qualquer indivíduo egípcio podia forçar um judeu a realizar serviços particulares em seu campo ou casa.

Assim, *Benê Yisrael* aprenderam que é possível para um ser humano estar constantemente "de serviço". Quando *Hashem* libertou-os da odiada servidão de amos humanos e pediu-lhes que fossem Seus servos, eles se submeteram alegremente ao Seu pedido; estarem a Seu serviço o tempo inteiro.

Halelúhu avdê Hashem – Louvem-No, servos de *Hashem*

Velô avdê Par'ô – e não mais escravos do Faraó!

A gratidão faz com que *Benê Yisrael* aceitem a *Torá*

A servidão no Egito, que findou com a redenção de *Hashem*, também obteve êxito em implantar na jovem nação um profundo senso de gratidão. Nosso povo é conhecido como obstinado e teimoso. Se *Hashem* tivesse oferecido a *Torá* à família de Yaacov antes do exílio, Seu mensageiro Moshê teria tido a penosa tarefa de argumentar com cada indivíduo judeu, tentando persuadi-lo a aceitar a *Torá*. Apenas uma experiência nacional tão espetacular como o êxodo poderia infundir na nação inteira ilimitada gratidão ao Criador, e absoluta prontidão para cumprir Sua vontade. Foram libertados de um estado de ilimitada miséria. Todos vivenciaram pessoalmente o poder de D'us os auxiliando. Como poderiam não sentir gratidão?

Compaixão pelos oprimidos

Ademais, o estado de servidão do povo no início de sua história induziu-os a sentir compaixão e solidariedade pelos que sofrem e são oprimidos. Grande número de *mitsvot* da *Torá* finaliza com as palavras: "Lembrem-se de que foram escravos no Egito." A *Torá* ordena sensibilidade e consideração pelos tiranizados e humildes submissos, lembrando-nos de que já estivemos em posição similar. Como resultado, os judeus tornaram-se um povo cujos atos de bondade e caridade são únicos.

PARASHAT SHEMOT

O povo judeu no início do exílio: assimilação e preservação dos valores judaicos

Na *Parashá* passada, Yaacov, junto com a família, viajou para o Egito, onde Yossef governava. Mesmo depois da morte de Yossef, seus irmãos e os filhos e netos desses permaneceram no Egito. Ali ficaram por muitos anos mais. O povo de Israel esteve um total de duzentos e dez anos no Egito. Esperavam pelo mensageiro especial de *Hashem*, porque Yossef lhes havia ordenado que não saíssem do Egito até que *Hashem* enviasse Seu mensageiro para tirá-los de lá.

Todos os descendentes de Yaacov viviam em Goshen. Enquanto Yossef vivia e governava o país, havia ordenado ao povo de Israel: "Fiquem no distrito de Goshen, longe dos egípcios!" Yossef sabia que dessa forma

os judeus não se misturariam com os egípcios e não venerariam ídolos como eles. Enquanto os filhos de Yaacov, as tribos, estavam vivos, *Benê Yisrael* evitavam qualquer contato social com seus vizinhos egípcios.

Porém, depois da morte de todos os irmãos de Yossef, os judeus somente tinham a tribo de Levi para adverti-los de que não deveriam mesclar-se aos egípcios. Muitos judeus se afastaram de Goshen e se fixaram em outras partes do Egito. Não queriam mais ficar confinados a Goshen.

Começaram a entrar na sociedade egípcia. Povoaram a terra, misturando-se aos egípcios e freqüentando seus teatros e circos. Sentiam-se atraídos pelo culto egípcio de adoração a animais, e imitaram suas práticas. Logo aprenderam a inclinar-se perante o deus principal do Egito, a ovelha, e perante outros deuses animais egípcios. A maioria dos judeus começou a venerar ídolos, como seus vizinhos. A tribo de Levi, contudo, e os *tsadikim* das outras tribos nunca se tornaram idólatras.

Deve-se entender que apesar de os judeus imitarem externamente os atos dos egípcios, seus valores espirituais eram muito diferentes. Enquanto os egípcios eram intrinsecamente corruptos, *Benê Yisrael* possuíam a inata pureza de alma, e caracteres refinados, pois eram descendentes de Avraham, Yitschac e Yaacov.

Os judeus distinguiam-se dos egípcios em quatro categorias:

- Nenhum deles deu um nome não-judaico aos filhos.
- Além disso, não adotaram a língua do país, mas continuaram a falar *lashon hacôdesh* (hebraico).
- Não se vestiram conforme os costumes egípcios.

(É patente que os judeus no Egito estavam bem menos assimilados que nós hoje. Conscientes de sua superioridade espiritual, consideravam desonroso vestir trajes cujo estilo era ditado por um não-judeu, ou dar a uma criança um nome não-judaico. Nossos Sábios escolheram as quatro qualidades louváveis dos judeus no Egito para ajudar a guiar-nos em nosso modo de vida no exílio.)

- Praticaram bondade entre si, e jamais trairiam um companheiro judeu perante os egípcios.

Após o falecimento dos filhos de Yaacov, o Faraó promulgou um decreto proibindo o *berit milá* (circuncisão). Em razão disto, todos os judeus pararam de realizar o rito da circuncisão, exceto a tribo de Levi, que observou a *mitsvá* apesar do perigo que essa ação acarretava.

Quando *Hashem* viu que a assimilação progredia, mudou os sentimentos dos egípcios em relação aos judeus, fazendo-os sentir ódio.

Os egípcios ficam descontentes pelo grande número de filhos que os judeus têm

Apesar de *Benê Yisrael* terem assumido externamente as práticas idólatras egípcias, *Hashem* amava-os profundamente, pois eram os filhos das sagradas tribos. *Hashem* havia prometido a Avraham que seus descendentes seriam tão numerosos como as estrelas. Começou a dar cumprimento a essa promessa aumentando a família de Yaacov. Ao chegar ao Egito, a família de Yaacov tinha somente setenta membros. Mas logo teve centenas, depois milhares, e logo centenas de milhares de judeus. Milhões de judeus. Como isso aconteceu?

Hashem fez com que se multiplicassem de maneira extraordinária. As mulheres judias davam à luz sêxtuplos, nascimentos múltiplos similares aos dos peixes, que produzem descendentes numa proporção excepcional. Nenhum dos sêxtuplos foi natimorto, ou de constituição fraca, todos os judeus eram fortes e saudáveis. Logo existiam muitas famílias judias com cinquenta ou sessenta filhos. E outras famílias tinham sessenta filhos homens e igual número de filhas.

“Existem crianças judias em excesso,” comentavam os egípcios, cada vez mais indignados. Temiam o crescimento da população judaica.

Os nobres egípcios advertiram o Faraó: “Existe uma grande probabilidade de haver uma futura guerra entre nós e os reis de *Kenaan*. Podem pensar em reaver as riquezas que arrecadamos deles durante os anos de fome. Em caso de guerra, os judeus se unirão aos nossos inimigos, e nos forçarão a sair da terra! Temos que fazer algo contra eles!”

“Tolos!” repreendeu-os o Faraó. “Não fosse por seu antepassado Yossef, que salvou o país nos anos de fome, nenhum de nós estaria vivo hoje. Como podem pensar em prejudicá-los?”

Os egípcios ficaram furiosos por causa da simpatia do Faraó pelos judeus. Depuseram-no do trono, expondo-o a um destino de vergonha e humilhação, porque recusou-se a tratar os judeus injustamente.

Por três meses, o Faraó não mudou de atitude. Após esse período, decidiu que lhe seria mais proveitoso cumprir as exigências da nobreza e do povo. Anunciou que desejava reassumir sua posição, formulando uma nova política relativa aos judeus.

O Faraó que ascendeu ao trono três meses depois não era o mesmo homem que o deixara. Era um “novo” rei, frio e cruel, determinado a pôr um fim à “praga judaica”.

Agia agora como se nunca tivesse conhecido Yossef (o historicamente famoso benfeitor daquele país que – como era do conhecimento público – sustentou a população durante os anos de fome). Assim como o Faraó alegou que não sabia nada sobre Yossef, logo declararia que também não conhecia *Hashem*.

O anti-semitismo recém-desperto manifestou-se através de diversos decretos cruéis contra *Benê Yisrael*.

O primeiro decreto do Faraó: trabalho escravo

O Faraó idealizou um astuto plano, através do qual esperava enfraquecer *Benê Yisrael* – separar os maridos judeus de suas esposas, contendo assim a onda de expansão judaica. Ordenou que se divulgassem proclamas em Goshen e em todo o país, dizendo:

“O PAÍS NECESSITA DE VOCÊ!

As cidades de Pit’om e Raamsés necessitam de reforma urgente. Sua fortificação é de vital importância para assegurar o armazenamento seguro de nossos tesouros nacionais. O governo implementou este projeto com milhões de peças de ouro. Quem assinar contrato receberá pagamento generoso todo dia. Espera-se que todo homem e mulher leais ao país apresente-se voluntariamente para esta causa digna.”

A fim de atrair os judeus, o próprio Faraó apareceu no local com uma enxada e pá nas mãos. Se, depois disso, alguém alegasse que esse tipo de trabalho estava aquém de sua dignidade, seria admoestado: “Por acaso sua natureza é mais delicada que a do Faraó? Ele também tomou parte na construção!”

A nobreza egípcia se alistou, e assim fizeram muitos egípcios. Como poderiam os judeus ficar indiferentes à causa patriótica? Correram ao local, e os supervisores do Faraó compilaram uma lista de nomes daqueles que se apresentaram para o trabalho.

No primeiro dia, os judeus trabalharam com entusiasmo. Sendo homens fortes, fizeram rápido progresso com a construção. Ao anoitecer, soldados do Faraó lhes disseram: “Contem o número de tijolos que vocês deitaram hoje, pois vocês devem atingir a mesma cota amanhã, e todos os dias!”

Durante um mês o Faraó pagou os trabalhadores. Depois disso, os judeus ainda estavam envolvidos no projeto, enquanto algo estranho aconteceu com os egípcios – cada dia mais alguns homens desapareciam quietamente, até que, após seis meses, todos os egípcios haviam se retirado. Agora, os judeus foram informados de que o rei não tinha mais dinheiro para pagar-lhes. Protestaram, mas o Faraó organizara um exército de soldados brutais. Jogaram-se contra os judeus e vociferaram: “Vocês devem continuar trabalhando para o rei!” A esses policiais capatazes egípcios foi dada a tarefa de assegurar que todos comparecessem ao trabalho pela manhã. Também forçaram os judeus a devolver todo o dinheiro que ganharam anteriormente.

Uma tribo dentre *Benê Yisrael* nunca fora recrutada pelo Faraó, a tribo de Levi. Os levitas haviam sido instruídos por seu Patriarca Yaacov para concentrarem-se no estudo da *Torá*. Quando o Faraó emitiu a proclamação original, não se apresentaram para trabalhar, dizendo: “Estamos constantemente envolvidos com o estudo de *Torá* e não temos tempo para ir!” Os homens do Faraó foram à tribo de Levi e perguntaram: “Não nos ajudarão na construção?” Mas eles se negaram. Responderam: “Somos os rabinos do povo judeu. Devemos estudar e ensiná-los. Não temos tempo para nenhum outro trabalho.” Quando o Faraó ouviu isso, deixou-os em paz, e os homens da tribo de Levi não foram mais incomodados, permanecendo livres até o fim do exílio. Se tivessem saído da Casa de Estudos para oferecer voluntariamente seus serviços por um dia sequer, as conseqüências teriam sido duzentos e dez anos de escravidão!

A localização do canteiro de obras das duas cidades específicas de Pit’om e Raamsés que *Benê Yisrael* tinham que construir foi escolhida com grande astúcia. Nunca seriam terminadas, não importa o quão arduamente os judeus trabalhassem. Situavam-se sobre pântanos, sobre os quais todas as construções ruíam constantemente e afundavam dentro do solo.

O Faraó também designou policiais entre os judeus, cujo trabalho era conseguir que os judeus trabalhassem ao máximo de sua capacidade. Os policiais judeus tinham ordens de açoitar todo judeu que fosse lento no trabalho, mas se negaram a castigar seus irmãos judeus. Quando os supervisores egípcios viram que a polícia judaica se apiedava dos demais judeus e permitia-lhes fazer o trabalho mais lentamente, começaram então a açoitar os policiais judeus. Porém, estes judeus preferiam o chicote a golpear seus próprios irmãos.

Mais tarde, *Hashem* recompensou estes heróicos policiais judeus. Chamou-os *zekenim*, anciãos do povo judaico, e transformou-os em líderes que guiavam *Benê Yisrael* juntamente com Moshê.

O Faraó dá permissão aos egípcios para empregar judeus como escravos

O Faraó esperava escutar a notícia de que o povo de Israel tinha cada vez menor número de filhos. Mas para sua desilusão, foi informado que o número de filhos era cada vez maior!

“Os judeus não trabalham com empenho suficiente!” concluiu o Faraó. “Aí é que está o problema.”

Por isso, fez um novo anúncio. "Todo egípcio pode levar os judeus que quiser, a fim de que trabalhem na sua casa ou na lavoura."

Os egípcios então, forçavam-nos a trabalharem em suas casas e campos, após voltarem do local das obras. Além de escravizarem os judeus com trabalho opressivo, inventavam uma crueldade após outra para torturá-los. Um egípcio poderia designar um trabalho a um judeu sem dizer-lhe quanto tempo duraria. "Apenas continue trabalhando," mandavam, acrescentando agonia mental ao esforço físico. Os egípcios costumavam mandar *Benê Yisrael* realizarem trabalhos diurnos à noite, e trabalhos noturnos de dia. Designavam tarefas masculinas às mulheres, dizendo: "Misturem cimento e deem tijolos!" Aos homens judeus davam tarefas que são realizadas melhor por mulheres, dizendo: "Esta noite vocês devem fiar e costurar para nós." Pensando alegremente que assim alcançaria seu objetivo de diminuir o número de judeus, o Faraó ordenou que os homens fossem detidos em seus locais de trabalho à noite, enquanto as mulheres ficavam na cidade.

Porém, a esperança do Faraó de que cada vez houvesse menos filhos para os judeus não se cumpriu. As famílias judias continuaram crescendo.

De tal modo cresceram que o Faraó aprovou um novo decreto. A princípio, os egípcios forneciam aos judeus os tijolos para a construção. Agora queriam que os judeus fabricassem seus próprios tijolos. Deviam reunir o material para fabricar os tijolos, exceto a palha, que seria fornecida. Esta nova exigência tornou o trabalho dos escravos judeus muito mais difícil.

O heroísmo das mulheres judias

O decreto do Faraó fez com que os corações de *Benê Yisrael* se dirigissem a *Hashem*. Clamaram a D'us e fizeram *teshuvá*.

Quando a esposa de Amram deu à luz uma menina, chamou-a de Miriam, que significa: "Os egípcios amarguraram nossas vidas," já que naquela época o peso da escravidão intensificou-se.

As mulheres judias, porém, não seriam derrotadas. Eram descendentes de Sara, Rivca, Rachel e Léa, que viveram para construir a nação, e estavam determinadas a continuar esta empreitada, superando todos os obstáculos.

Quando as mulheres saíam para pegar água, *Hashem* fazia com que encontrassem pequenos peixes. Com isso em mãos, saíam sorratamente aos campos, e reanimavam seus maridos, com jarros de água quente e peixes cozidos. Lavavam e alimentavam os maridos, e encontravam palavras de conforto e alento, encorajando-os: "Não seremos escravos para sempre, pois *Hashem* certamente nos redimirá." Continuaram tendo filhos com enorme confiança de que *Hashem* os protegeria.

Hashem respondeu a esta confiança realizando milagres revelados. Quando as mulheres judias davam à luz nos campos, sendo forçadas a abandonar os recém-nascidos, Ele enviava um anjo para alimentar e limpar os bebês, assim como Ele alimenta e sustenta todas as Suas criaturas, da formiga ao cervo. Toda vez que as patrulhas egípcias chegavam aos campos à procura dos bebês judeus, a terra se abria para ocultá-los. Os egípcios ficavam estupefatos com seu desaparecimento, pensando estar sendo enganados por algum tipo de magia. Estavam determinados a matar as crianças, e revolviam a terra com arados, em vão.

Assim que os egípcios iam embora, as crianças brotavam do chão como a grama no campo. Quando cresceram, retornaram em bandos às casas de seus pais.

Assim, os planos do Faraó não tinham êxito. As famílias judias se multiplicavam cada vez mais. Quando o Faraó se deu conta disso, urdiu um plano novo e terrível. De agora em diante, tomaria os cuidados para que todos os varões judeus recém-nascidos fossem assassinados secretamente!

O segundo decreto do Faraó: infanticídio por meio das parteiras judias

"A solução final é bem mais complicada do que pensei," murmurou o Faraó. "Precisamos mudar de estratégia." Ele receava assassinar os judeus abertamente, temendo tanto a opinião pública quanto o castigo Divino. Por conseguinte, procurou agentes para matar os bebês judeus secretamente. Decidiu chamar as parteiras judias, a quem ordenaria levar a cabo esta macabra missão. Pensou que, aos olhos do Céu, não ele, porém as parteiras, é que arcaíam com a responsabilidade pelos atos assassinos.

O Faraó ordenou que as duas parteiras judias Shifrá e Puá fossem ao palácio. Não eram outras senão Yochêved e Miriam, mas eram conhecidas por nomes diferentes. Yochêved era chamada de Shifrá porque costumava lavar e limpar as crianças (Shifrá está relacionada com a palavra hebraica *meshaperet*/embelezar indicando o que fazia com os recém-nascidos). Miriam era chamada de Puá porque sabia como tranquilizar os bebês que choravam. (Puá significa emitir sons suaves para acalmar os nenês.)

Àquela época, Miriam tinha apenas cinco anos, mas costumava acompanhar a mãe para ajudá-la em sua tarefa, e era tão habilidosa quanto um adulto.

O Faraó ordenou às parteiras que matassem todos os meninos judeus recém-nascidos, e deixassem as meninas viverem.

Assim que a pequena Miriam ouviu o cruel decreto, exclamou: "Que vergonha! Que rei malvado! Desgraça lhe sobrevenha no dia em que D'us o castigar!"

O Faraó empalideceu, indicando a seu carrasco que conduzisse Miriam à morte. Mas sua mãe jogou-se perante o Faraó, implorando misericórdia pela filha. Rogou: "Por que deveria enraivecer-se com as palavras de uma menininha? É apenas uma criança!"

Finalmente, o Faraó consentiu em deixar Miriam viva.

Tanto Yochêved como Miriam deixaram o palácio com aguda consciência de que desafiar a ordem do rei significava a morte para elas. Contudo, não tinham intenção de obedecê-lo, pois temiam mais o Todo Poderoso que um rei humano. "Como poderíamos perpetrar o horrível ato de matar crianças judias?" clamaram. "Nosso Patriarca Avraham não abriu pousadas para sustentar até os não-judeus? Então, como podemos agir de maneira oposta, aniquilando e destruindo crianças judias?"

Daí em diante, não ficaram meramente satisfeitas em cumprir a obrigação como parteiras, mas também providenciavam para que os recém-nascidos de famílias pobres fossem sustentados. Coletavam alimentos das casas de mulheres ricas, levando à casa das judias pobres. Além disso, antes de cada parto, rezavam a *Hashem*. Rogavam-Lhe para que a criança nascesse saudável: "*Hashem*, Você sabe que desafiamos a vontade do Faraó para cumprir a Sua. Permita que essa criança entre ao mundo livre de defeitos (mesmo se lhe destinasse nascer coxo ou cego), pois de outra forma os judeus suspeitarão que agimos mal. Dirão: "A criança nasceu defeituosa pois as parteiras tentaram matá-la!" Também suplicavam a *Hashem* pelas crianças e mães que estavam destinadas a morrer no parto. "Seja misericordioso e conceda-lhes vida, de maneira que não sejamos culpadas por sua morte!" *Hashem* aceitou suas orações. Todas as crianças que elas ajudaram a trazer ao mundo nasceram bem e saudáveis. Assim, pode-se dizer que Yochêved e Miriam realmente concederam vida às crianças judias.

Quando o Faraó descobriu que nenhuma criança judia fora morta, convocou Yochêved e Miriam ao palácio.

"Vocês são culpadas de transgredir minhas ordens!" acusou-as o Faraó.

"O senhor precisa entender, Majestade, que as mulheres judias são diferentes das egípcias. Nossos Patriarcas nos compararam a animais – a tribo de Yehudá é comparada a um leão, a de Binyamin ao lobo, a de Naftali à gazela. Tal como os animais dão à luz sem qualquer ajuda, assim as mulheres judias não têm necessidade de parteiras durante o parto. Somos chamadas depois, para estender ajuda."

De fato, Yochêved falara a verdade. As judias no Egito eram *tsidcaniot* (justas e virtuosas), e davam à luz sem dor ou dificuldade.

O Faraó ficou satisfeito com a explicação e dispensou-as.

Além de serem salvas do Faraó, Yochêved e Miriam receberam recompensa eterna: Miriam, mais tarde, casou-se com Calev, da tribo de Yehudá, tornando-se assim a matriarca da dinastia real de David. Yochêved foi mãe do primeiro *Cohen Gadol* (Sumo Sacerdote), Aharon, e do primeiro levita, Moshê, e matriarca de todos os *cohanim* e levitas.

O terceiro decreto do Faraó: jogar os meninos no Nilo

O Faraó percebera que não poderia contar com as parteiras para diminuir o número dos judeus. Também era impelido a agir por um sonho aterrador que o assombrava: em sonho, via a si mesmo sentado em seu trono. Um homem idoso aparecia na sua frente, segurando uma grande balança. Estendeu a mão, pegou todos os nobres e príncipes da corte egípcia, amarrou-os e colocou-os num prato da balança. Então pegou uma pequena ovelha branca e colocou-a no outro lado e, surpresa! A balança continuou a descer até que a pequena ovelha empurrou todos para baixo. O Faraó acordou com gotas de suor frio cobrindo sua frente.

Convocou seus conselheiros que, ao escutarem o sonho, declararam imediatamente: "Não há dúvidas quanto ao seu significado. Prediz que uma criança judia destruirá o Egito."

O Faraó pediu então uma opinião sobre como lidar com os judeus.

Um dos conselheiros respondeu: "Ouça-nos, Majestade! Conhecemos bem esta nação, e diremos como lidar com eles. Vê-se claramente na história que o fogo não lhes causa dano. Seu D'us salvou o Patriarca Avraham do forno em chamas. Espadas não os matam. Sabemos que Yitschac foi salvo da faca de Avraham sobre o altar, e que um carneiro foi sacrificado em seu lugar. Está claro que são imunes à escravidão. Yaacov foi escravizado por Lavan com todos os tipos de trabalho concebíveis, e no entanto saiu bem-sucedido e rico. Tanto quanto podemos ver, há um único elemento que tem poder sobre eles: água! Mande seus soldados jogarem os meninos judeus no Nilo para afogá-los!"

Todos os astrólogos do Faraó concordaram com esta sugestão, pois pensavam que *Hashem* não poderia castigá-los por afogarem crianças judias. Conheciam o princípio de que *Hashem* retribui com a mesma moeda. Raciocinaram: por jogarem crianças na água, incorreriam no castigo de morte por imersão. Contudo, presumiram que uma vez que *Hashem* comprometera-Se através de juramento a Nôach de nunca trazer outro dilúvio ao mundo, inevitavelmente escapariam do castigo. Contudo seu raciocínio era equivocado. *Hashem* jurara apenas não inundar a terra inteira novamente, mas ainda poderia trazer um dilúvio sobre nações específicas. Ao final, os egípcios foram afogados no Mar Vermelho como castigo por terem afogado os bebês judeus.

O Faraó decidiu pôr em prática esta idéia. Quando os egípcios souberam do decreto que significava morte aos meninos judeus, rejubilaram-se. Sendo eles a mais imoral das nações, seu pensamento imediato foi que todas as meninas judias sobreviventes seriam suas, para tomá-las.

O nascimento de Moshê

O líder da geração e chefe do Supremo Tribunal judaico daquela época era Amram, da tribo de Levi. Era um *tsadic* perfeito.

Quando a nova lei do Faraó foi promulgada, Amram tinha dois filhos, Aharon e Miriam; e sua esposa estava grávida de três meses, esperando um menino.

Quando Amram ouviu que todos os meninos recém-nascidos estavam condenados ao extermínio, raciocinou: "Por que deveríamos ter mais filhos, apenas para vê-los assassinados?"

A fim de estabelecer um exemplo para os judeus, divorciou-se de sua esposa publicamente. A seguir, todos os homens judeus também se separaram de suas esposas. Mas sua pequena filha Miriam argumentou: "Sua decisão é mais severa que a do rei. Enquanto as leis do Faraó afetam apenas os meninos, você está impedindo o nascimento de ambos, meninos e meninas. O Faraó pode privá-los de seus corpos, mas suas almas viverão no *Olam Habá* (Mundo Vindouro). Você, contudo, impediu que suas almas entrassem no mundo. Não só isto, como estou certa de que o edito do Faraó será revogado em breve, enquanto o seu perdurará!" Amram reconheceu a força desses argumentos. Decidiu que Yochêved deveria unir-se a ele de maneira que todos de *Benê Yisrael* vissem. Ergueram uma *chupá*, e Aharon e Miriam dançaram na frente dela.

Benê Yisrael novamente seguiram o exemplo de Amram, e casaram-se novamente com suas esposas.

Um milagre aconteceu a Yochêved, que na época contava cento e trinta anos. As rugas e cabelos brancos desapareceram, e foi rejuvenescida.

Neste ínterim, astrólogos egípcios apresentaram-se perante o Faraó e anunciaram: "Previmos que o redentor dos judeus está prestes a nascer. Contudo, não temos certeza se ele é judeu ou egípcio."

A visão dos astrólogos foi confundida, uma vez que Moshê, apesar de ter nascido de mãe judia, seria criado por uma egípcia, Bática, filha do Faraó, no palácio do próprio Faraó.

O Faraó declarou: "Se existe possibilidade de que o redentor possa ser egípcio, devemos incluir todos os meninos recém-nascidos egípcios no decreto de aniquilação pelos próximos nove meses."

Os egípcios ficaram furiosos com as palavras do Faraó. Ridicularizaram a idéia de que o líder dos judeus pudesse surgir de seu povo. O Faraó, contudo, não cedeu aos protestos, e ordenou aos soldados que também jogassem os bebês egípcios ao Nilo.

Os astrólogos acreditavam firmemente que o futuro redentor pereceria se apenas fosse atirado ao Nilo. Suas visões revelavam que seria punido através da água. Interpretaram que se afogaria. Na realidade, a previsão referia-se à posterior punição de Moshê onde foi decretado que morreria no deserto, e não entraria em *Êrets Yisrael*. Moshê acabou morrendo no deserto por ter batido com seu cajado numa pedra para que jorrasse água, embora *Hashem* tivesse lhe pedido que apenas falasse com a pedra.

A sete de *Adar*, Yochêved e Amram tiveram um filho. Ao entrar no mundo, a casa brilhou com a luz da Divindade.

O bebê nasceu circuncidado, sinal de que seria *tsadic*.

Amram beijou sua filha Miriam: "Você estava certa. Profetizou que sua mãe daria à luz o redentor de *Yisrael*."

Amram e a esposa chamaram o bebê de Yecutiel, mas se tornaria eternamente famoso com o nome de Moshê. Não obstante, a *Torá* só usa o nome Moshê. *Hashem* disse: "Como a filha do Faraó salvou sua vida, juro que só te chamarei pelo nome que ela te deu."

Até Moshê ter três meses, Yochêved pôde ocultar sua existência dos egípcios. Começaram a observá-los apenas depois de Amram tê-la desposado novamente, contando nove meses a partir daí. Quando Moshê completou três meses, avisaram Yochêved: “Estão procurando seu filho!”

Como o Faraó imaginou que as mães judias esconderiam seus filhos recém-nascidos, ordenara aos egípcios que se mudassem para casas vizinhas às dos judeus para espioná-los e saber quando uma mulher judia estava prestes a dar à luz. Então deviam informar à polícia egípcia, e a casa judaica era registrada assim que nascesse o bebê. Se fosse menino, o levariam para afogar no rio.

“Vou escondê-lo muito bem para que não o encontrem,” respondeu. Porém os vizinhos advertiram-na: “Você não sabe quão astutas são as mulheres egípcias? Trarão seus bebês à sua casa, e os farão chorar. Quando seu bebê ouvir o choro, também gritará, revelando assim sua presença.” Ao ouvir os truques das mulheres egípcias, Yochêved temeu que seu filho perdesse a vida se continuasse em casa. Por isso, idealizou um plano.

Moshê no Rio Nilo

Pegou uma pequena caixa e besuntou o interior com argila e o exterior com piche, para impermeabilizá-la. Confeccionou uma pequena cobertura para a caixa, dizendo tristemente: “Quem sabe se presenciarei a *chupá* de meu filho!”

Colocou a caixa com o bebê perto das margens do rio. Enquanto preparava o filho para a perigosa empreitada, acariciou a cabeça de Miriam e perguntou: “O que aconteceu à sua profecia, Miriam?”

Miriam, contudo, não perdeu a fé. Acompanhou a mãe até o rio, e permaneceu na margem do Nilo, para ver como *Hashem* cumpriria Sua palavra.

Yochêved tinha um bom motivo para depositar a cesta no Nilo, em vez de escondê-la em qualquer outro lugar. Tinha esperança de que, assim, os astros indicassem que o salvador dos judeus havia sido atirado ao Nilo, e os egípcios abandonariam a perseguição a um potencial candidato. Isto foi exatamente o que aconteceu. Assim que a cesta de Moshê foi colocada no Nilo, os astrólogos disseram depressa ao Faraó: “O redentor dos judeus foi atirado ao Nilo!” O Faraó aboliu o edito imediatamente, e desde então nenhuma criança foi atirada ao Nilo.

Na verdade, *Hashem* salvou todas as crianças judias que haviam sido atiradas no rio. Ordenou ao rio que os levasse à terra seca. O rio depositou-os em cavernas de locais desertos, onde foram alimentados por *Hashem*. Ali, Ele se ocupava com os meninos. Colocou duas pedras junto à boca dos pequenos. De uma delas fluía leite, e da outra mel. Os meninos cresciam, alimentados por D'us, e logo regressavam às casas de suas famílias.

Estas crianças que foram salvas e criadas pela Divindade mais tarde reconheceram *Hashem* no Mar Vermelho e exclamaram: “Este é meu D'us, e O glorificarei!”

O dia em que Moshê fora exposto às águas do Nilo era seis de *Sivan*, data em que comemoramos a Outorga da *Torá*. Os anjos no Céu rogaram a *Hashem*: “Moshê deve perecer neste dia, exatamente no dia em que ele foi destinado a entregar a *Torá* para *Benê Yisrael*?”

Moshê é adotado por Bática

Hashem trouxe a salvação de Moshê da maneira mais milagrosa. As mesmas pessoas que procuravam destruí-lo – o Faraó e sua casa – foram empregados por *Hashem* para salvar sua vida e criá-lo até a maturidade.

Bática, a filha do Faraó, há muito tempo havia rejeitado o culto sem sentido dos egípcios, e aceitado sobre si as leis da nação judaica.

Hashem providenciara para Moshê ser salvo por uma mulher digna, uma judia convertida.

Nesta manhã específica, Bática dirigia-se ao rio, para imergir com o objetivo de *tevilá* (imersão ritual), para converter-se ao Judaísmo.

De repente, notou uma pequena caixa flutuando sobre as ondas, e percebeu que continha uma criança. “Tragam-me esta criança!” disse às criadas.

“Princesa!” protestaram, “isto é contra o decreto de seu pai! Um estranho poderia transgredir a lei, mas certamente não a própria filha do rei!”

Bática estava a ponto de abandonar seu plano, mas *Hashem* ordenou que o anjo Gavriel golpeasse Moshê, fazendo-o chorar, e assim despertar a misericórdia de Bática. Esticou a mão até a cesta, que estava além do seu alcance, e seu braço estendeu-se miraculosamente, para que pudesse pegá-la. “Deve ser uma criança virtuosa,” exclamou, e decidiu criá-la.

Hashem disse: “Você adotou uma criança que não era sua, chamando-a de filho. Em troca, Eu te chamarei de Minha filha.” Por isso, a *Torá* a chama de Bática, que significa “a filha de D'us”.

Quando Bática examinou o bebê, viu que era circuncidado e cercado pela luz da Divindade. Compreendeu que era um menino judeu. “Deve estar chorando porque está com fome. Tragam-me uma ama-de-leite!” Trouxeram uma ama-de-leite egípcia, mas a criança recusava-se a mamar.

“Qual o problema?” perguntou Bática. “Consigam outra mulher!” Mas Moshê não mamaria de uma mulher egípcia. Já desde bebê não aceitaria leite de uma mulher não-judia. A boca que no futuro falaria com *Hashem* era por demais sagrada para tomar leite não-*casher*.

A irmã de Moshê, Miriam, que observava a cena, aproximou-se e ofereceu: “Posso conseguir-lhe uma ótima ama-de-leite judia?”

“Sim,” respondeu Bática.

Miriam foi para casa rapidamente, e voltou com a mãe. A princesa ordenou a Yochêved: “Leve-o, ele é seu!” (Ignorando o fato de que essas palavras eram literalmente verdadeiras.) “Amamente-o, e pagarei pelos seus serviços. Você está vendo como seus membros são perfeitos?” A princesa levantou o bebê e mostrou-o à mãe. “Certifique-se de devolvê-lo são e bem.”

“Não ousaria aceitar esta tarefa. Tenho receio do decreto de seu pai,” protestou Yochêved. “Não tema!” acalmou-a a princesa. “É para mim que o está amamentando.”

Yochêved, que era a parteira Shifrá, salvou crianças judias da morte. *Hashem* recompensava-a agora salvando seu próprio filho do decreto do Faraó, e até mesmo pagando-a para cuidar dele.

Amamentou-o por vinte e quatro meses, então Bática pediu-lhe que o levasse ao palácio.

Dois anos depois, a princesa recebeu Moshê e o levou ao palácio do Faraó. Cuidava muito bem dele. Amava o menino como se fosse seu próprio filho. Seu pai, o Faraó, também se encantou com o bebê e sempre brincava com ele.

Moshê tira a coroa do Faraó

Bática chamou seu filho adotivo de Moshê, que significa “aquele que foi tirado”. Seu nome, assim, significa que *Hashem* fez com que fosse tirado das águas, para que ele, por sua vez, salvasse outros.

O nome que Bática deu a Moshê foi mantido pela *Torá* como recompensa pela bondade ao salvar sua vida.

Moshê, aos dois anos de idade, era tão alto e belo que era um prazer olhar para ele. O próprio Faraó gostava de entretê-lo.

Um dia, quando Moshê tinha três anos, o Faraó estava sentado à mesa com a rainha Alfrenit, seus ministros e sua filha Bática, que segurava o menino no colo. Moshê desceu do colo de Bática e foi até o rei. Pegou a coroa e colocou-a sobre a própria cabecinha. Todos olharam, não ousando emitir uma palavra, até um dos conselheiros quebrou o silêncio bruscamente: “O Senhor se lembra, Majestade, o que lhe disse acerca de seu sonho! Este menininho deve ser judeu, e com sua vergonhosa conduta deve estar imitando seus antepassados. Avraham e Yitschac enganaram o Faraó anterior e Avimêlech, fingindo que suas esposas eram suas irmãs. Yaacov enganou seu irmão tomando a primogenitura. Então seqüestrou as filhas de Lavan e roubou todas as suas posses. Yossef trouxe sua família inteira da terra de *Kenaan*, e alimentou-os às nossas custas.

“Este menino aqui age como eles, tentando nos enganar. E quer se apossar da coroa e também do reino! É melhor se livrar dele, antes que seja tarde!”

“Todos concordam com meu conselheiro?” perguntou o Faraó, hesitante, aos ministros à mesa.

Outro ministro interpôs-se: “Majestade, é um exagero dar tanta atenção aos atos de uma criança. Todos os pequeninos gostam de brincar com objetos brilhantes. Ele tomou sua coroa simplesmente porque pensou que era um objeto agradável e brilhante para brincar. O senhor pode fazer uma simples experiência para determinar o que motivou este menininho a arrebatá-la. Mande que um diamante e um carvão em brasa sejam colocados na frente dele. Se tentar pegar o diamante e ignorar a brasa, saberemos que a razão e astúcia ditam suas ações. Se ele, contudo, também pegar o carvão, então ficará evidente que tenta pegar qualquer objeto brilhante, indiscriminadamente.”

Para pôr fim à discussão entre os ministros, decidiram pôr o pequeno Moshê à prova, e descobrir por que havia tirado a coroa do Faraó. Compreendia ele a importância da coroa ou estava só brincando?

O diamante e o carvão em brasa foram trazidos, e toda a corte esperava em suspenso, para ver o que aconteceria. O pequeno Moshê examinou os dois objetos, consciente da diferença entre eles. Não tinha intenção de escolher o carvão. Estendeu a mão em direção ao diamante, mas *Hashem* impediu-o. Enviou o anjo Gavriel para empurrar sua mão para o carvão. Moshê pegou o carvão em brasa e colocou na boca; como resultado, queimou os lábios e a língua. Daí em diante, era-lhe difícil falar.

Moshê cresce e suporta o fardo junto com seus irmãos

O palácio egípcio, com todo seu esplendor e luxo, poderia prover uma juventude confortável e fácil ao rapaz. O Faraó tinha também reconhecido excepcionais talentos do jovem Moshê, e encarregou-o da casa real. Embora fosse tratado como príncipe e pudesse desfrutar todos os prazeres da corte egípcia, Moshê estava sempre

triste. Sabia que era judeu, e sentia-se consternado ao ver como os egípcios tratavam cruelmente os seus irmãos. Moshê se negou a aproveitar os prazeres do palácio enquanto outros judeus sofriam e trabalhavam duramente.

Então, Moshê pediu ao Faraó que o deixasse supervisionar os escravos judeus, e a cada vez que visitava um lugar onde via os judeus trabalhando, ajudava-os secretamente no que fosse possível. Com o pretexto de ajudar o Faraó, Moshê os ajudava a carregar fardos ou a terminar um trabalho. Angustiava-se terrivelmente ao ver que os judeus sofriam tanto, e exclamava: "Suas torturas também me ferem; quisera poder morrer em seu lugar!"

Os planos de Moshê para dar aos judeus um dia de descanso

Moshê estava constantemente pensando numa forma de aliviar o trabalho dos judeus, e finalmente elaborou um plano.

Foi ao Faraó e afirmou: "Notei que vocês não sabem lidar com os escravos com sabedoria."

"Como assim?" espantou-se o Faraó.

"Uma pessoa sujeita ao trabalho incessante está prestes a perecer. Vocês aumentarão muito a eficiência dos escravos se lhes permitirem descansar um dia por semana."

O Faraó aceitou o plano de Moshê. "O que você disse está certo. Arranje que descansem um dia por semana," respondeu o Faraó.

Qual dia Moshê escolheu? O *Shabat*! Embora a *Torá* ainda não tivesse sido outorgada, Moshê sabia que o *Shabat* era um dia santo. Sabia que Avraham, Yitschac, Yaacov e Yossef descansavam no *Shabat*.

Assim *Benê Yisrael* estavam livres de seu trabalho no *Shabat*. Passavam o tempo estudando os rolos de pergaminho que possuíam, que continham a promessa de que *Hashem* finalmente os redimiria.

Moshê mata um egípcio

Um dia, quando Moshê contava vinte e tantos anos, saiu para sua ronda diária nos campos. Deparou com uma visão terrível! Um supervisor inclinava-se sobre um judeu, desferindo-lhe golpes mortais. Moshê se questionava o que haveria induzido o egípcio a golpear o judeu de maneira tão brutal, que excedia a usual medida de crueldade egípcia. O *rúach hacôdesh* (Espírito Divino) pairou sobre Moshê, e este percebeu o episódio que levou aos maus-tratos desta infeliz vítima.

Datan, o alvo dos cruéis golpes, não era um trabalhador comum. Era um capataz judeu, encarregado de supervisionar os judeus trabalhando. Quando o supervisor egípcio bateu à sua porta naquela madrugada para acordá-lo para o trabalho, vira a linda esposa de Datan, Shelomit. O egípcio voltou para lá depois que Datan saíra, fingindo ser o marido. Datan descobriu que a esposa fora desonrada. Agora, o supervisor egípcio – temendo ser castigado – despediu Datan de seu trabalho como capataz. Jogou-o ao campo de trabalho, batendo nele de maneira assassina, querendo matá-lo.

"Ei, homem malvado!" gritou Moshê ao supervisor egípcio. "Não é suficiente que tenha abusado de sua esposa, ainda procura surrá-lo até a morte?"

Moshê ponderou cuidadosamente que castigo o egípcio merecia por seu delito, e chegou à conclusão de que merecia pena de morte.

Moshê julgou-o como não-judeu que incorre na pena capital por adultério.

Moshê elevou os olhos ao Céu: "Há algum anjo de defesa para redimir este homem?" Não houve resposta do Alto. "Será que ele é progenitor de descendentes justos, por cujos méritos ele poderia ser perdoado?" O *rúach hacôdesh* revelou que não haveria um único *tsadic* entre a descendência do egípcio.

Então Moshê olhou em todas as direções, para certificar-se de que não havia nenhum egípcio perto para observá-lo, pronunciou o nome oculto de D'us, e o egípcio caiu morto. Moshê cobriu o corpo com areia. Advertiu os judeus presentes para que mantivessem o assunto em segredo.

No dia seguinte, quando Moshê voltou ao campo de trabalho, encontrou Datan, o judeu cuja vida salvara, envolvido em séria altercação com seu cunhado Aviram. Datan queria divorciar-se de sua esposa, após o ocorrido, mas o irmão dela, Aviram, era violentamente contra. Datan levantou a mão para bater no cunhado, quando Moshê interveio: "Perverso!" gritou. "Por que bate em seu semelhante?"

"Quem é você para interferir em nossos assuntos?" disseram Datan e Aviram a Moshê, com desfaçatez. "Você nem tem idade suficiente para agir como juiz! Sabemos também que você mesmo se considera o filho de Bática, enquanto na verdade é apenas o filho de Yochêved!"

Datan e Aviram pediram uma audiência ao Faraó. "Moshê o está desonrando, Majestade," queixaram-se.

"Não me importo," respondeu o Faraó.

“O senhor não sabe que ele não é realmente filho de sua filha, mas um judeu?”

“Isto não tem importância para mim,” replicou o Faraó.

Finalmente relataram que Moshê matou um egípcio.

“Isto já é ir longe demais!” decidiu o Faraó. “Ele deve ser condenado à morte.”

A tristeza e desapontamento de Moshê com a traição de Datan e Aviram eram imensos.

Moshê foi preso e levado ao carrasco. Este desembainhou a espada, encostando-a na nuca de Moshê, mas *Hashem* transformou seu pescoço em mármore. O verdugo tentou novamente, mas em vão. Após numerosas tentativas frustradas, trouxeram outra espada, de tamanho descomunal. Em vez de cortar a cabeça de Moshê, a espada ricocheteou batendo na cabeça do carrasco, matando-o. Moshê fugiu, e escapou ileso da terra do Egito.

Moshê se refugia na casa de Yitrô

Moshê viajou a países distantes por muitos anos, até que chegou à terra de Midyan. Enquanto descansava junto a um poço, viu sete irmãs com um rebanho de ovelhas que se aproximavam do poço. Os pastores que estavam por perto não permitiram que as moças dessem de beber às ovelhas, e jogaram as irmãs dentro do poço.

Quando Moshê viu o ocorrido, tirou as moças do poço e deu água às ovelhas. Também ajudou os pastores a dar de beber aos animais.

As irmãs agradeceram e foram para casa. Ao chegarem o pai, Yitrô, perguntou: “Por que chegaram tão cedo hoje? Sempre chegam tarde, pois os pastores as tratam mal e não as deixam dar água às ovelhas.”

“Hoje um estranho, egípcio, nos ajudou,” disseram elas. “Tirou-nos do poço e deu de beber às ovelhas.”

“Sem dúvida, é um homem bondoso”, disse Yitrô. Vão buscá-lo e o convidem para jantar conosco.”

Moshê foi à casa de Yitrô.

“Quem és, e o que fazes em Midyan?” perguntou-lhe Yitrô.

Moshê explicou que estava fugindo do Faraó porque este queria matá-lo.

O maravilhoso cajado de Moshê

Hashem havia presenteado o primeiro homem, Adam, com um maravilhoso bastão de safira. Adam o entregou a seu tataraneto, o *tsadic* Chanoch. Este o deu a Metushêlach, que por sua vez o entregou a Nôach. Nôach o deu a Avraham, que passou-o a Yitschac, que o deu a Yaacov, e finalmente o bastão foi parar nas mãos de Yossef.

Quando Yossef morreu, Yitrô, que havia pertencido à corte do Faraó, o tomou porque percebeu o quão importante era. Yitrô o cravou na terra de seu jardim, no fundo da casa. Porém, quando o bastão foi plantado ali, ninguém, por mais forte que fosse, não conseguia tirá-lo.

Yitrô proclamou: “Se algum homem conseguir tirar o bastão da terra, darei a ele uma de minhas filhas por esposa!” Mas ninguém conseguia. Moshê é que conseguiu arrancar o cajado. Guardou-o, e logo levou este cajado ao Egito para executar as pragas com ele.

Moshê se casa com Tzipora

Dessa vez, Yitrô tratou seu hóspede com mais respeito ainda. Moshê ensinou a família de Yitrô a servir a *Hashem*. Tzipora, uma das filhas de Yitrô, foi a primeira a aceitar seus ensinamentos. Seu nome Tzipora, pássaro, significa que ela purificou a casa de qualquer vestígio de idolatria, como a oferta de um pássaro purifica quem o sacrifica. Tzipora tinha a grandeza de Sara, Rivca, Rachel e Léa. Yitrô a deu a Moshê em casamento. Ela deu à luz um filho, que Moshê chamou Guershon e mais tarde outro, Eliêzer.

Moshê ficou vivendo com Yitrô, e passou a cuidar de seu rebanho. Era um pastor extremamente atencioso.

Certa vez, um carneiro sedento escapou do rebanho. Moshê o seguiu até perceber que procurava água. Após saciar sua sede, Moshê disse: “Não sabia que correste todo esse caminho porque estavas com sede. Agora, deves estar cansado”. Levantou o carneiro e carregou-o de volta até o rebanho. Moshê realmente se preocupava com todas as criaturas de *Hashem*!

Hashem disse: “Moshê, porque te preocupas com todas as criaturas que fiz e trataas a todas tão bem, quero que sejas o pastor de Meu povo, o líder do povo de Israel.”

***Hashem* se revela a Moshê numa sarça ardente**

Os pastores costumavam levar as ovelhas e cabras a pastarem nas redondezas. Moshê, ao contrário, não fazia assim. Todos os dias levava os animais de Yitrô muito longe das cidades povoadas, pois temia que os animais

pastassem em campos pertencentes a outra pessoa, e isso seria roubar. Moshê somente ia com o rebanho ao campo aberto, onde a terra não pertencia a ninguém.

Certa vez Moshê conduzia as ovelhas por um campo deserto, e viu um fato inusitado: numa colina havia um arbusto espinhoso que estava se incendiando, sem que os ramos fossem destruídos pelo fogo. Moshê olhou com mais atenção e viu um segundo milagre: apenas parte do arbusto estava se incendiando, e o fogo não tocava a outra parte de jeito nenhum.

Moshê ficou admirado pelo maravilhoso espetáculo. Ouviu um anjo de *Hashem* que o chamava para que se aproximasse do arbusto.

Quando Moshê chegou perto, *Hashem* lhe ordenou: "Não chegues muito perto! Tira os sapatos, pois estás parado em terra santa!"

A colina era santa pois a *Shechiná* (Presença Divina) pairava sobre ela. Voltaria a ser sagrada no ano seguinte quando *Hashem* entregaria os Dez Mandamentos ao povo de Israel sobre esta colina. (Pois o monte onde Moshê vira o arbusto ardente não era outro senão o Monte Sinai).

Hashem disse a Moshê: "Escutei o povo de Israel chorando por causa do duro trabalho no Egito. Vi que fizeram *teshuvá* em seus corações. Vou libertá-los. Vá ao Faraó e ordene-lhe: 'Deixa saírem os judeus.' Você os guiará para fora do Egito."

"Sou uma pessoa muito insignificante," protestou Moshê. "Por que haverias Tu, *Hashem*, de eleger-me o líder que tirará os judeus do Egito? Escolha um homem mais importante! Quem sou eu para que o Faraó me escute e me permita sair para *Érets Yisrael*? Pode estar furioso comigo por ter matado um egípcio – pode até prender-me ou executar-me!"

"Não temas!" tranqüilizou-o *Hashem*. "Estarei a teu lado para assegurar teu êxito em liberar o povo de Israel do Egito. Prometo que o Faraó não te fará mal. Esta é uma das razões por que te mostrei a sarça ardente. Foi um sinal: assim como o arbusto não sofreu dano pelo fogo, não serás prejudicado pelo Faraó."

Ao se revelar através de um arbusto e não uma árvore maior, *Hashem* estava demonstrando a Moshê que Ele também sofria junto com *Benê Yisrael*. *Hashem* sente a dor de Seu povo, como o *Tehilim* descreve: "*Imo anochi betsará / Estou com ele na sua aflição*".

Moshê fez outra pergunta: "Se eu disser ao povo de Israel que me ordenastes tirá-los do Egito, não me acreditarão. Dirão: '*Hashem* nunca apareceu para você! Não acreditamos em você!'"

"Eu te asseguro que eles te ouvirão. São '*maaminim benê maaminim*', crentes, filhos de crentes!"

"Quando tu mencionares a expressão '*pacod pacadeti*' (Eu, *Hashem*, Me lembrei), eles te escutarão. Possuem uma tradição de Yossef que estas palavras serão usadas pelo verdadeiro redentor.

"Como temes que o povo de Israel não confie em ti, te darei três sinais", disse *Hashem* a Moshê. "Estas serão as provas para o povo de Israel de que foste enviado por Mim."

O primeiro sinal

Hashem perguntou a Moshê: "Que levas nas mãos?"

"Um cajado," disse Moshê.

"Joga-o ao solo!"

Quando Moshê jogou o cajado, este se transformou numa serpente. Moshê se assustou tanto com a perigosa serpente que se movia em sua direção que começou a correr.

Mas *Hashem* ordenou-lhe: "Pega a serpente pela cabeça!"

Quando Moshê fez o que *Hashem* ordenava, a serpente transformou-se em cajado novamente.

Era sem dúvida um sinal maravilhoso que convenceria os judeus a crerem nas palavras de Moshê. Porém, *Hashem* havia também escolhido este animal para demonstrar a Moshê que estava aborrecido com ele, por haver falado mal de *Benê Yisrael* ao dizer: "Não acreditarão em mim!"

O segundo sinal

Hashem ordenou a Moshê: "Põe tua mão sobre o peito!"

Moshê pôs a mão dentro da túnica. Quando a retirou, estava branca como a neve. Estava coberta da doença cutânea conhecida como *tsaraat*.

Hashem ordenou a Moshê: "Põe de novo a mão dentro da túnica."

Desta vez, quando Moshê a tirou, a mão estava boa de novo. Tinha sua cor normal.

Hashem disse: "O sinal de tua mão doente será o sinal que mostrarás ao povo de Israel." Este sinal era uma nova prova de que Moshê não deveria ter falado sobre *Benê Yisrael*: "Não me acreditarão!"

O terceiro sinal

Hashem deu a Moshê outro sinal para que mostrasse ao povo de Israel. Disse-lhe: "Toma um pouco de água do Rio Nilo e joga-a sobre o solo e se transformará em sangue."

Mesmo após receber estes três sinais do próprio *Hashem*, Moshê não estava pronto para ir até o Faraó.

"Meu irmão Aharon se sentirá mal se eu me transformar no líder do povo judeu, e não ele! Ele é um profeta a quem Tu tens falado e enviado mensagens ao povo judaico. Não sou digno de comparecer perante o Faraó, pois tenho dificuldades para falar."

"Quem concede a fala ao homem?" *Hashem* perguntou a Moshê. "Quem faz as pessoas serem surdas ou mudas, com visão ou cegas? Não sou Eu, *Hashem*? Estarei contigo e te ensinarei o que dizer."

Hashem insistiu que Moshê fosse o líder de *Benê Israel*. "Teu irmão Aharon te acompanhará na visita ao Faraó e ao povo de Israel," disse. "Ele falará diretamente com o Faraó. Tu falarás em hebraico e ele traduzirá tuas palavras para o egípcio. Leva contigo o cajado, pois com ele farás milagres!"

Moshê demora a fazer o *berit milá* de seu filho

Moshê disse à esposa: "*Hashem* me ordenou regressar ao Egito."

Moshê pegou a esposa e o filho, Guershon, junto com o bebê recém-nascido de oito dias de idade, e os sentou sobre uma mula. Todos empreenderam viagem ao Egito.

Na verdade chegara o momento de fazer a circuncisão do menino recém-nascido, Eliêzer. Mas Moshê pensou: "Se eu fizer o *berit milá* agora, será perigoso que viaje em seguida. E *Hashem* me ordenou viajar ao Egito. Primeiro devo obedecer a ordem de *Hashem* e depois fazer a circuncisão do menino."

Por causa disso, *Hashem* enviou um anjo para advertir Moshê. Como uma serpente, começou a enroscar-se em Moshê de tal forma que Tsipora entendeu o que isto significava; rapidamente tomou um instrumento afiado e fez a circuncisão no filho. Imediatamente, o anjo libertou Moshê.

Aharon vai ao encontro de Moshê e sua família

Hashem disse ao irmão de Moshê, Aharon: "Moshê está chegando ao Egito. Vá ao seu encontro."

Aharon foi ao encontro do irmão. Beijou Moshê, feliz por este ter se tornado o líder do povo judeu. Embora Aharon fosse mais velho, não estava invejoso da alta posição do irmão mais jovem.

Quando Aharon viu a esposa e os filhos de Moshê, disse: "Por que os trazes ao Egito? Os judeus ali sofrem muito por causa da crueldade do Faraó. Seria melhor que voltassem a Midyan."

Moshê escutou o conselho do irmão. Algum tempo depois, levou a família de volta a Midyan e logo regressou ao Egito sozinho.

Moshê e Aharon falam com *Benê Israel*

Moshê e Aharon reuniram os *zekenim*, os líderes do povo de Israel. Aharon lhes falou. Explicou a eles que *Hashem* havia enviado Moshê para tirar os judeus do Egito. Os *zekenim* transmitiram a mensagem a todos os judeus. Todos acreditaram nas palavras sobre a redenção. Inclinaram-se para agradecer a *Hashem* que em breve os libertaria.

Moshê e Aharon perante o Faraó e a reação do monarca

Logo Moshê e Aharon foram ao palácio do Faraó para ordenar a ele que pusesse o povo de Israel em liberdade.

Moshê e Aharon ordenaram ao Faraó em nome de *Hashem*: "Deixa o povo de Israel sair do Egito." Mas o Faraó zombou de suas palavras.

"Quem é *Hashem*? Não o conheço! O nome desse deus não está em nenhum de meus livros."

Moshê e Aharon explicaram: "*Hashem* é o D'us do povo judeu. Criou o mundo e o governa! Escute-O!"

Mas o Faraó se negou a obedecer. Pelo contrário, ficou ainda mais cruel. Ordenou aos guardas: "Estes judeus estão ficando folgados, pois acreditam que logo sairão do país. Devemos, pois, fazer com que trabalhem mais ainda! Até agora lhes forneci matéria-prima para misturar o cimento e fabricar os tijolos. De agora em diante, cada judeu deverá conseguir sua própria palha! E diga-lhes que não podem fazer menos tijolos que antes!"

Esta foi uma ordem cruel. Os judeus se dispersaram pelo Egito em busca de palha. Mas, naturalmente, isto levou tempo, e o tempo de que dispunham para fazer tijolos era menor. Os supervisores do Faraó os açoitaram por obterem menos resultados. Ordenou aos capatazes judeus que golpeassem todo judeu que fosse lento no trabalho. Eles não obedeceram. Quando os supervisores do Faraó viram isso, açoitaram os capatazes judeus, mas não conseguiram fazer com que batessem nos outros judeus.

Moshê ficou triste ao ver que os judeus sofriam ainda mais depois que ele havia falado com o Faraó. Lamentou-se a *Hashem*: "Por que me enviaste ao Egito? Agora o Faraó está ainda agindo com mais crueldade com o povo de Israel!"

Hashem respondeu: "Em breve enviarei pragas sobre o Faraó, e então o trabalho de *Benê Yisrael* se tornará mais fácil. Finalmente, o Faraó os fará sair do Egito com tal pressa que não terão tempo de assar pão para levar na viagem. Espera e verás!"